



Sara&André, *Atelier, Lisbonne*, 2023, Óleo e esmalte sobre ferro, inox e madeira, rede de pesca, linha e ferragens © Vasco Célio / Stills
Col. privada

2º CICLO EXPOSITIVO

Ao longo de um ano de programação, estruturada em três ciclos, os visitantes terão oportunidade de ver ou rever as obras de Arpad Szenes e de Vieira da Silva através da apresentação sucessiva de núcleos da coleção, expostos em diálogo ou lado-a-lado com projetos individuais de artistas de diferentes gerações.

O segundo ciclo expositivo, inaugurado a 21 de maio, segue a lógica curatorial da programação anual, e acolhe, em diálogo com as obras de Arpad Szenes e Vieira da Silva, os artistas Carlos Noronha Feio, João Paulo Feliciano, Mariana Caló e Francisco Queimadela, Sara & André e Lourdes Castro.

O 2º Ciclo Expositivo estará patente no Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva até 13 de setembro de 2026.



Installation view. Left: Sara&André, *Atelier, Lisbonne*, 2023; Right: Vieira da Silva, *Atelier, Lisbonne*, 1935 © Vasco Célio / Stills



Vieira da Silva, *Les seigneurs de Maussane*, 1959, Butil sobre cobre
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

O PROGRAMA EXPOSITIVO

A Vida das Plantas

L'inclemence lointaine e outras obras

A morfologia e a expressividade das plantas, a sua misteriosa e hierática presença, a profundidade invisível das suas raízes, estimularam, ao longo dos tempos, a imaginação de poetas e de pintores, quer como tema da pintura, propriamente dita, quer como reflexão filosófica sobre a nossa própria existência. Vieira e Arpad não foram exceção tendo dedicado constante atenção ao mundo das plantas.

Vieira da Silva e o poeta francês René Char teceram uma longa amizade fundada numa admiração mútua. Entre 1959 e 1961, a convite de Char, Vieira concebe e produz um conjunto de 25 gravuras que viriam a ilustrar o livro *L'Inclémence lointaine* uma seleção de poemas em que, com a natureza como pano de fundo, o poeta francês aborda temas vitais para toda uma geração, como a resistência a formas políticas de opressão e supressão da liberdade, a condição humana e a aspereza da existência. Realizadas na exigente técnica de buril sobre cobre, que convoca gestos próximos do desenho escrita, este conjunto de gravuras constitui-se como o expoente máximo da importante produção gráfica de Vieira da Silva.

A intensidade poética desta obra, uma das mais extraordinárias e comoventes colaborações entre uma artista e um escritor, realizada quinze anos depois do advento da II Guerra Mundial, é um testemunho duradouro para as gerações mais jovens e ainda por vir.

Ossaturas Espaciais

Variações sobre o tema do atelier

“Comecei a interessar-me pela perspectiva, porque já ninguém se interessava por ela”
(Vieira da Silva).

Unanimemente considerada como uma das obras mais emblemáticas do percurso de Vieira da Silva, *Atelier, Lisbonne* (1934-1935) é uma pintura de charneira na investigação pictórica da artista.

Pintada entre Lisboa e Paris, in loco e de memória, é um ensaio visual e espacial onde Vieira experimenta usar o dispositivo da perspetiva linear que havia sido inventado e desenvolvido pelos grandes pintores do Renascimento Italiano e que os movimentos artísticos modernistas do século XX haviam superado e desconstruído.

A questão da profundidade do espaço foi tão importante para Vieira nestes anos iniciais, que a artista empreendeu inúmeros estudos, quer em desenho, quer em pintura, a que chamou *recherches e compositions*. Um dos mais notáveis exemplos é a grande pintura, *Composition* de 1936, em que um pormenor de *Atelier, Lisbonne* é isolado e retrabalhado. Nela, o espaço surge agora compactado e a perspetiva ainda perceptível é um emaranhado de planos que desafiam a perceção do espectador. Finalmente em diálogo com a pintura de Vieira, a instalação de Sara André, um ensaio de tridimensionalização espacial inicialmente concebido para ocupar o espaço do atelier, pontifica no início da exposição.

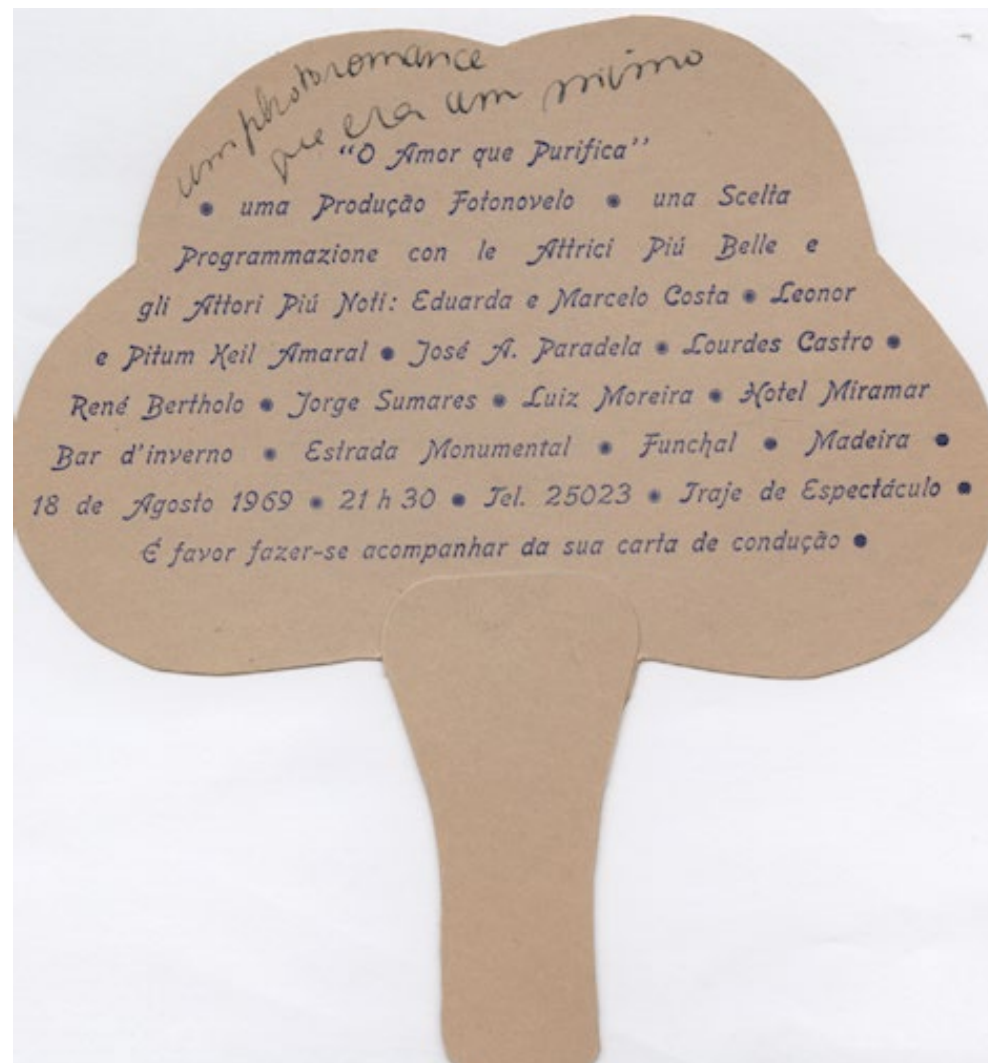
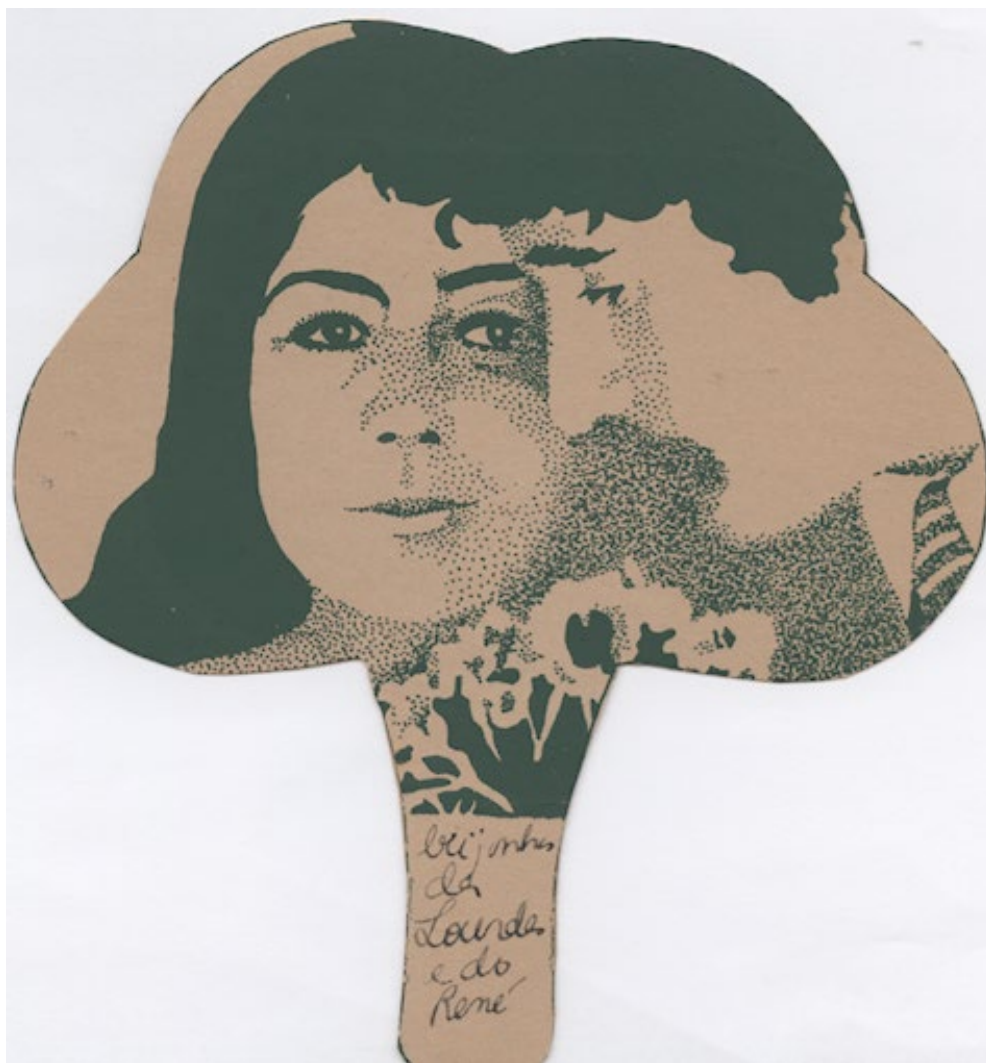


Arpad Szenes

Gravuras

À semelhança de Vieira da Silva, também Arpad Szenes dedicou considerável tempo e energia à prática da gravura que surge cedo no seu percurso, logo a partir de 1931, no contexto do Atelier 17, criado em Paris pelo gravador britânico Stanley William Hayter um espaço de aprendizagem das diferentes técnicas de gravura, alinhado com a indómita vontade de experimentar própria aos artistas modernistas.

As obras apresentadas, produzidas a partir de diferentes técnicas como a Água forte, a Água tinta e a Litografia, foram concebidas e realizadas para acompanhar poemas de diferentes escritores, tais como Claude Esteban (*Das le vide qui vient*, 1976), Jocelyne François (*Savoir du Vulcain*, 1978) Jacques Bussy (*Les bains célestes*,





Vista da Exposição: Lourdes Castros, *Triângulo ao Quadrado* © Vasco Célio / Stills

1981) e Lorand Gaspar (*Sefar*, 1983).

Ecoando a poética das pinturas que celebrizaram Arpad Szenes, estas impressões remetem para uma sensibilidade e uma estética da paisagem de in spiração Extremo Oriental, em que a fluidez do gesto e da mancha dá corpo à ligação ancestral entre artista e natureza.

Triângulo ao Quadrado

Lourdes Castro, Arpad Szenes e Vieira da Silva

Lourdes Castro era uma jovem artista, que tinha frequentado a Escola de Belas Artes da Universidade de Lisboa e que entre 1956 e 1957 havia já residido em Munique com o seu companheiro René Bertholo, quando se fixa em Paris. Estávamos em 1958. Aí conheceram outro casal, Arpad e Vieira, que os acolheu, acompanhou e inspirou. Paris era na altura um lugar vibrante do ponto de vista artístico e social. Nasciam e multiplicavam-se os movimentos artísticos, os códigos da produção artística mudavam radicalmente, acompanhando um contexto político de transformação que ainda era marcado pelo otimismo do pós Segunda Grande Guerra.

Nesta sala reúne-se um conjunto de obras iniciais de Lourdes Castro sobre papel, marcadamente experimentais mas também claramente influenciadas pelas estéticas que encontrou em Paris, obviamente muito distantes do que haveria de se tornar a sua singular e reconhecível marca autoral, em diálogo com obras de Arpad e de Vieira, com quem Lourdes Castro teceu uma duradoura e fecunda amizade, sempre alimentada por encontros (frequentes em Paris durante mais de duas décadas, antes do regresso à Ilha da Madeira no início dos anos 1980) e por uma intensa correspondência consubstanciada por cartas, postais e outros sinais respiratórios, testemunho das saudades causadas pela distância geográfica (na obra de Lourdes Castro, que é impossível de separar da sua existência quotidiana, estes objetos de arte postal ocupam um espaço muito considerável).

Esta exposição resulta de uma parceria entre o Museu Arpad Szenes Vieira da Silva e o MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira



Vista da Exposição; Carlos Noronha Feio, *Arborescências* © Vasco Célio / Stills

Arborescências

de Carlos Noronha Feio

A instalação que Carlos Noronha Feio concebeu especificamente para o espaço do Museu Arpad Szenes Vieira da Silva, composta por um conjunto de imagens fotográficas impressas sobre grandes planos de tecido de seda que caem sobre o espaço suspensos do teto, é bem exemplar da linguagem própria que permeia e define todo o seu trabalho.

A forma como a riqueza e aparente incongruência visual e temática convida os visitantes a embrenharem-se num frágil labirinto têxtil e a verem, através da translucidez das imagens, o verso e o reverso da impressão, descobrindo uma miríade de correspondências, ecos e rimas nas obras de Vieira e de Arpad que com elas coabitam no espaço do museu, reflete ou dá corpo a uma prática artística que se metamorfoseia em mil e uma formas, mas que é estruturada em alguns, poucos, eixos de pensamento e de ação.



Vista da Exposição; Carlos Noronha Feio, *Arborescências* © Vasco Célio / Stills



Carlos Noronha Feio (Lisboa, 1981)

Carlos Noronha Feio vive e trabalha em Oeiras. Através do seu trabalho multidisciplinar, analisa temas como a identidade, nacionalismo e cultura local e global. A sua prática procura questionar conceitos pré-concebidos de pertença ao assimilar referências históricas, geográficas e políticas, justapondo-as de forma a engendrar as suas próprias composições.

Noronha Feio obteve um Doutoramento do Royal College of Art, em Londres, e entre 2009 e 2014, foi diretor do The Mews Project Space em Londres. De entre as exposições individuais mais recentes, destacam-se: *“Milk and Honey”*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2024); *“Arkipélg”*, CNAD – National Centre for the Arts, Crafts and Design, Cabo Verde (2023); *“no fim de tudo está o começo, a negociação!”*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2021); *“o peculiar é um detalhe no todo comum”*, Q22, Colégio das Artes, Coimbra (2021), entre outras.

Expôs em várias mostras coletivas, incluindo: X Bienal de São Tomé e Príncipe (2024); *“Liberdade, Portugal um lugar de encontro”*, UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Lisboa (2024); *“A Revolução na Noite”*, Centro de Arte Oliva, S. João da Madeira (2023); *“Pintura: Campo de Observação Parte II”*, Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa (2021); *“De Dentro e Fora – Coletiva de artistas de Cabo Verde”*, Centro Cultural de Cabo Verde e União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Lisboa (2021); *“Dissonâncias”*, MNAC, Lisboa (2020), entre outras.

O seu trabalho está presente em várias coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais, tais como: Coleção Armando Martins/MACAM, Portugal; MAAT – Fundação de Arte EDP, Portugal; Coleção Norlinda e José Lima, Portugal; Coleção José Carlos Santana Pinto, Portugal; Coleção Gaspar/Marin, Portugal; Saatchi Collection, Reino Unido; Fundação PLMJ, Portugal; MNAC – Museu do Chiado, Portugal; MAR – Museu de Arte do Rio, Brasil; ou Coleção Vasco Santos, Portugal.

Obras de juventude, 1981-1982

de João Paulo Feliciano

A história é singular e merece ser contada. Estudante na área da literatura, e nunca tendo frequentado o ensino artístico, o interesse de JPF pela pintura nasce a partir de um livro monográfico dedicado à obra de Vieira da Silva oferecido pela então jovem companheira do artista, Leonor Nazaré, que se viria a tornar um nome incontornável da crítica de arte na década de 1990.

Importa lembrar que em 1980 ainda não existia este museu, o primeiro e único dedicado à obra de Vieira, e que o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian só abriria em meados da década, não sendo por isso fácil ver ao vivo obras da artista.

O manuseamento do livro, o contacto com o imaginário daquela que era já considerada a maior artista portuguesa viva e cuja obra, já em plena fase de maturidade, mantinha ainda uma intensidade criativa, despertou no jovem artista das Caldas da Rainha um irreprimível desejo de pintar, de atacar a tela e a tinta.

Daí, nasceu um conjunto de pinturas sobre tela e sobre papel, à evidência inspiradas na maneira de Vieira, que, sendo uma espécie de homenagens, se constituem como campos abertos de expressividade e, mais importante, de construção de imaginários espaciais utópicos e de um universo de signos.

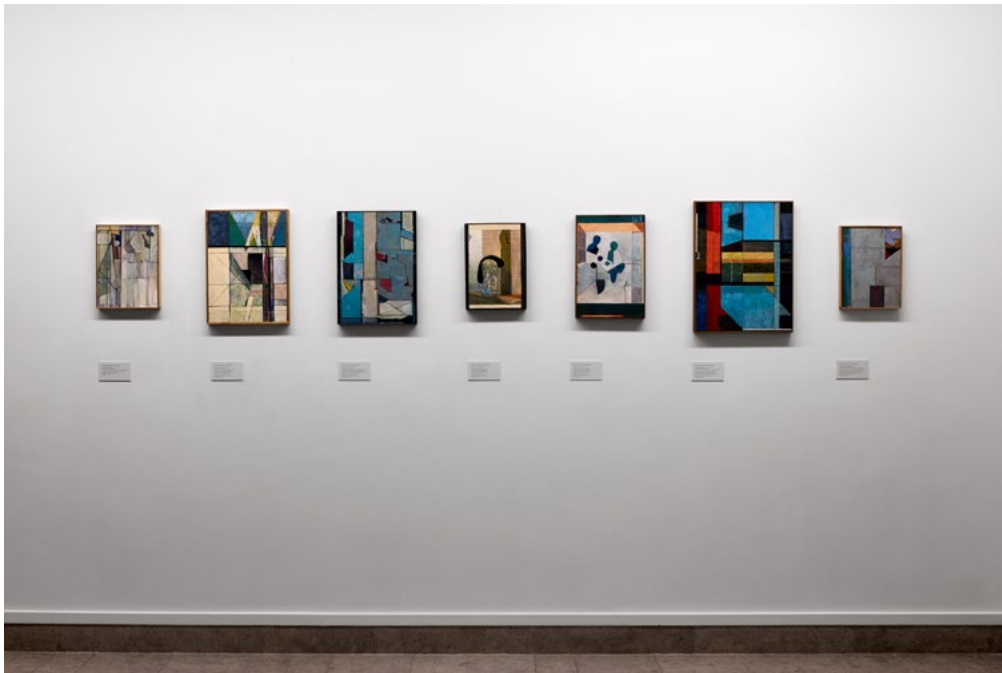
Da capo

Pinturas em pequeno formato, 2021-2026

de João Paulo Feliciano

Unanimemente considerado como um dos percursos mais singulares da arte portuguesa dos últimos quarenta anos, a polimorfa obra de João Paulo Feliciano fundou-se, inicialmente, numa prática pictórica autodidata e numa curiosidade infinita por várias outras disciplinas artísticas, nomeadamente pelas artes sónicas.

Formado em estudos literários, JPF cedo procurou o contacto com outros autores, artistas, poetas ou filósofos, como Joaquim Bravo, Luís Miguel Nava ou José Miranda Justo, que, entre outros, exerceriam influência no seu imaginário e nas decisões que viria a tomar.





Vista da Exposição; João Paulo Feliciano, *Da Capo, Pinturas em pequeno formato, 2021-2026* © Vasco Célio / Stills



Vista da Exposição; João Paulo Feliciano, *Da Capo, Pinturas em pequeno formato, 2021-2026* © Vasco Célio / Stills

Começou a expor em meados de 1980 e após uma estada em Bruxelas no final da década, a sua obra ganha tração e visibilidade logo desde o início de 1990, com presença em algumas das exposições coletivas mais emblemáticas deste período de renovação e fulgurância do contexto expositivo em Lisboa, como foi o caso de *Múltiplas Dimensões* em 1994, no recém inaugurado Centro Cultural de Belém. Em 1993, com a obtenção da Bolsa Ernesto de Sousa, havia já passado uma temporada em Nova Iorque, momento que virá a reforçar uma série de afinidades eletivas.

É nesta década que a matriz rizomática e multidisciplinar da obra e pensamento do artista se define e em que surgem, a um ritmo frenético, diferentes projetos em diversos campos criativos. A música, com a criação da *Moneyland Records* e o lançamento de bandas emblemáticas como *Tina and the Top Ten* e *No Noise Reduction*, espetáculos *mixed media* de grande escala como *Aqua Matrix*, na Expo'98, *Houseware Experience* (Experimenta'99), ou mais recentemente, desde 2017, a direção artística do recinto do festival NOS Primavera Sound, no Porto.

Depois de um amplo período de dedicação a vários projetos, com especial incidência no campo da produção e edição musical, permeado por importante momento de síntese na sua obra plástica com a exposição antológica que realizou na Culturgest em 2004, o artista decidiu recolher-se no atelier e dedicar-se a novas (auto) Definiu conceitos, impôs-se uma disciplina pautada por rigorosos rituais, experimentou e aprendeu novas formas de desenhar e de pintar.

A presente exposição é o resultado, a um tempo surpreendente e evidente, dessa prática em que voltou o olhar para as obras de um alargado e variado conjunto de artistas históricos ou seus contemporâneos e em que, em paralelo, se libertou de qualquer convenção ou protocolo de representação. Daí resulta uma escolha de um conjunto de obras de pequena e média escala, vibrantes do ponto de vista cromático, a meio caminho entre abstração e figuração, bebendo à vez dos géneros clássicos — paisagem e natureza-morta, sobretudo — admitindo uma tonitruante multitude temática, visual e formal. Árvores, objetos, estruturas, malhas urbanas, padrões, combinações, conjuntos, redes, arrastamentos, espaços que se desdobram, formas que se desfazem.



João Paulo Feliciano (Caldas da Rainha, 1963)

Artista visual e músico, é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa. Com um percurso pouco linear, tem experimentado em múltiplos campos de expressão, diversas formas artísticas e até diferentes atividades. No entanto, é a partir do seu trabalho como artista plástico que tem afirmado o essencial da sua linguagem.

Expõe regularmente desde 1984. Destacam-se as exposições individuais “*The Blues Quartet*” no Contemporary Arts Center, Cincinnati, EUA (2007), “*The Possibility of Everything: João Paulo Feliciano, Selected Works 1989-1994*” na Culturgest (2006) e individual “*João Paulo Feliciano*” no Museu de Arte Contemporânea de Serralves (2004).

Entre 2000 e 2007 integrou a direção da Associação Experimenta e da Bienal Experimenta Design. Foi responsável pela direção artística do espetáculo “*Acqua Matrix*” (Expo’98, Lisboa). De 1989 a 1998, integrou a banda “*Tina and the Top Ten*”. Na sua atividade musical contam-se ainda colaborações com músicos como Rafael Toral (com quem partilhou o projeto *No Noise Reduction*), Lee Ranaldo (Sonic Youth) Phill Niblock, David Toop, Christian Fenez, entre outros.

Em 2009, cofundou o Real Combo Lisbonense, uma orquestra de música de dança que explora os primórdios da música pop portuguesa. Nessa altura, criou também a sua própria editora discográfica e produtora musical: a Pataca Discos.



Reflexo de adorar

de Mariana Caló e Francisco Queimadela

Para a instalação especificamente criada para o espaço da FASVS, Mariana Caló (Viana do Castelo, 1984) e Francisco Queimadela (Coimbra, 1985) prosseguem o projeto «Reflexo de Adorar» onde dão continuidade à sua investigação teórica sobre cor, a utilização da velatura, de véus, espelhos e aberturas na pintura para a criação de imagens de desejo e revelação, partindo de uma compilação de materiais e imagens que se relacionam com ideias de veneração, culto, adoração, amor, devoção, prazer, em diversos contextos da história de arte, da mitologia e cultura contemporânea.



Mariana Caló e Francisco Queimadela, *Reflexo de Adorar* © Vasco Célio / Stills

Mariana Caló (Viana do Castelo, 1984) e Francisco Queimadela (Coimbra, 1985)

Mariana Caló e Francisco Queimadela licenciaram-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e colaboram enquanto dupla desde 2010. A sua prática é desenvolvida através de um uso privilegiado da imagem em movimento tanto através da realização de filmes, como na interseção com ambientes instalativos e *site specific*, em conjugação com desenho, pintura, fotografia ou escultura. O interesse pelo diálogo entre o biológico, o vernacular e o cultural são elementos recorrentes no seu trabalho artístico.

Foram bolsistas da Fundação Calouste Gulbenkian em 2012, para a residência internacional de artistas na Gasworks, Londres e da Direção Geral das Artes para o programa INOV-Art, que desenvolveram em Berlim, onde estiveram radicados entre 2008 e 2012.

Receberam várias distinções: Prémio BES Revelação, em 2012; Prémio internacional Schermo dell'arte Film Festival, em 2013; e Prémio Paulo Cunha e Silva, em 2018. Em 2021 participaram na 34ª Bienal de São Paulo.



Das exposições recentes, destacam-se: “*Flor Fantasma*”, CAV, Coimbra (2021); “*34ª Bienal de São Paulo - Faz Escuro mas eu Canto*” (2021); “*Other Times*”, Green Parot, Barcelona (2021); “*Corpo Radial*”, Galeria Boavista, Lisboa (2020); “*Caos e Ritmo*”, CIAJG, Guimarães (2020); Colección Inelcom, Madrid (2020); Bienal Ano Zero, Coimbra (2019); “*Rudimental*”, Solar — Galeria de Arte Cinemática, Vila do Conde (2019); “*Meia-Noite*”, Cinzeiro 8, MAAT, Lisboa (2019).

Participaram em vários festivais, nomeadamente Festival dei Popoli, Itália (2021); Porto/Post/Doc Film Festival, Portugal (2020); Athens Avant-Garde Film festival, Grécia (2020), Kassel Documentary Film and Video Festival, Alemanha (2020); Berwick Film & Media Arts Festival, Reino Unido (2020); IndieLisboa, Portugal (2020); FIDMarseille, França; (2020); Documenta Madrid, Espanha (2019); Qamar Cinema, Wadi Al-Qamar, Jordânia (2019); IFFR – Deep Focus, Roterdão (2019); 25 FPS, Croácia (2018); New York Film Festival, EUA (2018); CurtoCircuito Film Festival, Espanha (2018).



Nuno Faria

Nasceu em Lisboa em 1971.

É professor na Escola Superior de Design das Caldas da Rainha.

Trabalhou no Instituto de Arte Contemporânea do Ministério da Cultura de Portugal (1997-2003) e na Fundação Calouste Gulbenkian (2003-2009).

Viveu e trabalhou no Algarve entre 2007 e 2012, onde fundou (em Loulé, em 2009) o projecto Mobilehome - Escola de Arte Nómada, Experimental e Independente.

Em 2012-2013 foi-lhe atribuído o Prémio de Crítica e Ensaística de Arte e Arquitectura AICA/Fundação Carmona e Costa.

Foi diretor artístico do Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em Guimarães (2013-2019) e do Museu da Cidade do Porto (2019-2022).

Ao longo de 20 anos, como curador, trabalhou com artistas de várias gerações, portugueses e estrangeiros, em contexto institucional e independente, em localizações centrais e mais periféricas, em Portugal e no estrangeiro.

Em 2024 foi nomeado director do Museu Arpad Szenes — Vieira da Silva, em Lisboa.

Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

MUSEU ARPAD SZENES
VIEIRA DA SILVA

Morada

Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva
Praça das Amoreiras, 56
1250-020 Lisboa

Site

<https://www.fasvs.pt>

Instagram

@museuarpadszenesvieiradasilva

Bilheteira

Bilhete: 7,50 €

Bilhete reduzido: 4,00 €

Cartão de professor, Sénior +65 anos, Lisboa Card.

Entrada gratuita:

Residentes em Lisboa, jovens até aos 25 anos de idade, aos Domingos, Cartão Círculo Vieira & Arpad, acompanhante de pessoa com deficiência ou mobilidade condicionada, desempregados, membro ICOM, APOM, ICOMOS, AICA e Carteira de Jornalista.

Horários

Segunda-feira: Encerrada

Terça – domingo: 10h00 – 18h00

Acessibilidade

O museu está preparado para pessoas com mobilidade reduzida, dispondo de rampas de acesso e elevador.

Como chegar

Automóvel

Zona central de Lisboa: Jardim das Amoreiras

Estacionamento pago disponível na rua

Transportes públicos

Metro: saída na estação do Rato

Autocarro/Elétrico: 19B, 706, 709, 720, 727, 738, 758 (paragem: Rato); 713, 774 e 24E (paragem: Jardim Amoreiras)

Assessoria de Imprensa | O Apartamento

Vasco Águas

vascoaguas@oapartamento.com

+351 964 869 001

[Download press kit](#)